



NUNO JÚDICE

Fórmulas
de uma luz
inexplicável



D.QUIXOTE

FÓRMULAS
DE UMA LUZ INEXPLICÁVEL

Nuno Júdice

FÓRMULAS
DE UMA LUZ INEXPLICÁVEL

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
2012



Título: *Fórmulas de Uma Luz Inexplicável*
© 2012, Nuno Júdice e Publicações Dom Quixote
Edição: Cecília Andrade
Revisão: Sandra Mendes

Capa: Maria Manuel Lacerda

1.ª edição: Maio de 2012

ISBN: 9789722050265
Reservados todos os direitos

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.dquixote.pt
www.leya.com

ÍNDICE

Projecto	11
Invocação	12
Te deum	13
Cena bíblica	14
Um conceito inexprimível	15
Édipo	16
A melancolia de Orfeu	17
Província	18
Hipaso de Metaponto	20
O caminho para o inferno	21
Hermenêutica simples	22
Nova suma teológica	23
Passagem do dia para a noite	24
A divisão do mundo	25
Dedicatória	26
Nós	27
Uma antiga retórica	28
Mala de viagem	29

Pecado	30
Interior vazio	31
Álbum	32
Casa	33
Nesse tempo é que era bom	35
A visita	36
À porta do cinema	37
Carregueira, Verão quente de 1975	38
Noite campestre	40
O sentido do azul	41
Entre fotografia e poema	43
Situação	44
Arranjo urbanístico	45
Elegia	46
Outro retrato com natureza-morta	47
Carta de Mallarmé a Méry Laurent	48
Fotografia de Camille Claudel no hospício	49
Escultura	50
Modelo ao ar livre	51
Écloga em tom menor	52
Lembrando	53
Retrato de mulher a um canto do atelier	54
Às vezes	55
Verão tardio	56
Por entre imagens melancólicas, um brilho de sol	57
Cânone	58
Angelus	59
Cartão de embarque	60
«Em viagem para Bratislava» de Carlo Graziani	63
O equívoco das ruas	64
Mistérios	66
De profundis	67
Na esteira de Unamuno	68
Paul Celan, antes de atravessar a ponte Mirabeau	69
Arbeit Macht Frei	70
Almoço cosmopolita	71

Primeiras páginas	72
A pressão dos mercados	73
Sobre a mudança	74
Manual do viajante	75
A caminho da Índia	76
Relato de naufrágio visto da costa	77
Bonecas de feira	79
Tempo instável	80
Composição ao espelho	81
Num café de esquina	83
Imagem de mulher	84
Conversa sobre a noite, sobre o frio	85
A razão platónica	86
As duas angústias	87
Aula de arquitectura	89
Uma relação necessária com o real não o implica	90
Em silêncio, o grito	91
Melancolia (variação)	92
Trabalho de botânica	93
Um desencontro pelo absurdo das circunstâncias	94
Canto do penhorista	96
Feira de velharias	97
Vento	98
Relativismo	99
Inéditos	100
Estudo em branco	101
A condição humana	102
Esboço para um caderno de apontamentos	103
Uma antítese e duas analogias	105
Uma questão terminológica	106
Epílogo	108

PROJECTO

Procuro a terra branca de um outro continente, os montes áridos de um litoral tempestuoso, o fundo secreto de uns olhos abertos para o coral da eternidade. Perdi-me nessa procura; destruí os cadernos onde apontara o caminho. Como um cego, estendi os braços para o ocaso de um infinito que os loucos desenharam. Bati contra os seus limites, e andei às voltas sem encontrar uma fuga.

Mas vi saírem todos os barcos do porto que imaginei. Tinha-o pensado com longos cais vazios, e percorrera-o devagar, tropeçando nas madeiras podres e nas cordas inúteis de um velame corrupto. Por vezes, sentei-me nos caixotes desfeitos pelos vagabundos em busca de um resto de comida. Os cães vinham ter comigo e lambiam-me as mãos como se eu fosse o seu dono.

Não sei o que levaram esses barcos; nem que sonho de felicidade se desfez nos olhos vazios dos afogados.

INVOCAÇÃO

Que sabem os pássaros do outono que chega,
com o seu fundo de nuvens, derramando o cinzento
sobre o céu da memória? Ouço-os, de madrugada,
anunciando a partida, e vejo o horizonte encher-se
com a sua migração, levando para algures
a nostalgia do estio.

Sigo-os com os olhos; e o tempo que
me deixam esvazia-se de música, como se
o silêncio não tivesse o seu ruído imenso,
e uma vibração de nada não me trouxesse
aos ouvidos o seu eco, roubado a um
poço fechado numa infância distante.

Quantas vezes me avisaram, esses pássaros, do
que estava para vir? Li no seu peito aberto
um futuro branco; e enchi-lhes de sombra
as entranhas para que, onde houve um coração,
a vida ainda pulsasse, mesmo que não fosse mais
do que o desenho pálido de um ser antigo.

Mas é no presente que o seu canto me
toca; e dou-lhes, no abrigo da estrofe,
um ninho de palavras onde o seu sono se
recolha do inverno, e os seus olhos fechados
guardem a imagem do azul, o desejo do voo, e
um restolhar de folhas no vento da tarde.

TE DEUM

A ti, ó deus, pousado como a coruja
de olhos cegos no tronco ressequido da eternidade;
a ti, que o vento de uma imprecação de profetas
loucos expulsa para a terra poeirenta
do fim, como se ainda pudesses anunciar
um recomeço de jardins e oceanos varridos
pela primeira luz; a ti, de asas envelhecidas
pelo curso das idades, e incapaz de sobrevoar
um campo de galáxias para descobrir o átomo
de um verbo inicial:

vem para dentro do tempo, e faz dele
o templo das tuas indecisões. Sobe ao velho
altar e fala aos crentes que te adoram, repetindo
devagar cada palavra que ouviste das suas
orações. Pedir-te-ão que não os imites, e quando te
aproximares deles voltar-te-ão as costas, a ti,
ó deus alquebrado. Então, dirás para
contigo, então sou um homem! E entrarás
no meio deles, para que te insultem,

a ti, ó deus, que finalmente
encontrarás o teu lugar nas tabernas do mundo,
bebendo o vinho barato dos marinheiros
e comendo o pão esfarelado da ressaca,
enquanto rezas a ti próprio – como
se ainda acreditasses em ti.

CENA BÍBLICA

No meio da praia deserta, uma baleia morta. O céu estava cinzento. As ondas rebentavam em brancas explosões. Dois ou três pescadores, e outras tantas crianças, andavam à volta da baleia, tapando o nariz. Nada a fazer por ela. Mas o vento levava o cheiro para longe, e ao aproximar-me perguntava-me se não seria de a abrir e ver se, por acaso, não haveria um jonas no seu ventre. O pescador mais velho afastou-me: «E se ali estivesse alguém, o que teria para nos dizer?» Não soube o que responder: que mensagens de um deus antiquíssimo? Que recordações de um tempo de guerras e desastres? Que memórias da mulher amada, de quem não restam ossos nem imagens? No dia seguinte, com um tractor, a baleia foi enterrada bem fundo, numa cova ao seu tamanho. Dizem que nenhuma planta cresceu ali, desde então. E ainda hoje me arrependo de não ter ouvido o apelo de jonas, e de não o ter tirado do ventre da baleia.

UM CONCEITO INEXPRIMÍVEL

A imaginação que, segundo os estóicos, se reduz a uma impressão divina, põe um problema concreto a quem não acredita na alma. De facto, se é só o corpo que existe, e não encontramos nada de imaterial para além dele, a imaginação deve ser posta de lado, tal como a alma de que faz parte. Os estóicos, para quem ela deixava no espírito a sua marca, procuravam com o seu sacrifício aceder a esse mundo metafísico onde a sensação não tinha outra utilidade para além do pensamento que produzia, e depois dele a imagem e o conceito expresso a partir dela. E queriam morrer para atingir mais depressa a esfera do divino. Porém, os epicuristas riam-se deles e diziam que tudo o que diziam não passava de palavras. E eles ficavam a pensar: se as palavras são duras como as pedras, e sólidas como a terra áspera do verão, porque não ficamos em silêncio? E alguém disse, ao vê-los de boca fechada, que queriam prender a imaginação no interior do seu corpo, onde se encontrava a alma; mas quando a abriam para comer, concluiu o crítico, mastigavam as palavras com a comida, e tudo se juntava nesse corpo que, para eles, não existia, para terminar no estrume que devolviam à terra, como se a imaginação não servisse para mais nada além de adubo da primavera.

ÉDIPO

O que o homem procura não se encontra nas linhas em que a eternidade se cruza com o instante. Ele pensa que o acaso desenhou esse limite; e engana-se quando desvia a linha para junto do seu desejo, desafiando os deuses. Mas o que o futuro lhe propõe não é o que ele vê: só as sibilas o adivinharam, e a chave da sua linguagem perdeu-se num fundo de nuvem, por entre aves enlouquecidas e ventos contrários. O homem insiste, porém; e as suas mãos cavam a terra, abrindo caminho até às raízes secas de um século antigo, onde ele procura a solução do enigma que, se lhe perguntarem, não sabe enunciar: «Quem sou? Ou antes, quem imagino que sou, agora que nenhuma resposta me é dada?» E volta a tapar o buraco que abriu, escondendo as pedras onde teria lido o seu destino, se ainda tivesse a luz do dia para reconhecer os sinais. No entanto, à noite, os passos conduzem-no para o lugar de onde partiu, como se fosse o único caminho que lhe resta. E ao chegar a esse princípio, descobre que é o seu fim, para não ter de voltar a partir, nem de fazer a pergunta para que não encontrará, nunca, a resposta.

A MELANCOLIA DE ORFEU

Não sabe de onde vem a luz que o impede de passar para o fundo do inferno. Empurra-a, como se fosse uma porta, e vê-se reflectido no espelho que o traz de volta ao mundo dos vivos. «No entanto», diz, «é para além desta porta que está a minha vida.» Talvez não saiba que o corredor dos mortos se estende até ao fim dos tempos, e para lá disso, sem que ninguém o espere. Quantos rostos teria de fixar até descobrir que não conhece ninguém? E quantas mãos se estenderiam à sua passagem, só para que ele lhes desse a esmola de um olhar? Tapa os ouvidos para não ter de ouvir gritos e lamentos; e volta a fechar a porta, como se dissesse para si próprio que é inútil o esforço da morte. Porém, os vivos também não esperavam que regressasse. Olham-no e dizem: «Este esteve do outro lado.» E esperam que ele passe, como um proscrito, desviando os olhos à sua frente, como alguém que ninguém deseja, nem os vivos nem os mortos.

PROVÍNCIA

Foi no centro da praça que ouvi a música branca do coreto vazio, e um coro de pássaros, afinados pelo outono, cantando a melancolia branda da província. Uma infância antiga corria pelo meio do empedrado, atirada pelo vento; e as bolas de bilhar batiam nas mesas do café onde os velhos liam o jornal, na página dos anúncios, em busca de viagens que nunca fariam.

Todos os outonos são feitos de coisas banais, colam-se a um sentimento que não tem nome, empurram a alma para fora do asfalto, sujando-a na lama das bermas, enchem de névoa o horizonte dos olhos, obrigam o ser a descobrir uma forma para o tédio, como se não houvesse mais nada na sua existência, põem-nos pela frente um velho mapa de nuvens desbotadas.

Sigo com o indicador o rumo dos rios. Algures, há uma saída para esta praça; e é como se o gesto que faço sobre o fio azul, no papel, me levasse na sua corrente até esse mar que não tem portos nem barcos. Mas invento templos nas colunas do coreto; abro hemisférios nas fachadas por pintar; ouço temporais nos telhados que vão cair.